

SORLIN (Pierre). — *L'antisémitisme allemand*. "Collection Questions d'histoire", dirigida por Marc Ferro, Flammarion, Paris, 1969.

Este cuidadoso trabalho de Pierre Sorlin é mais uma contribuição para os estudiosos da História Contemporânea, mórmente aquêles que, interessando-se pelos múltiplos aspectos da Segunda Guerra Mundial, tentam compreender a violência de um sentimento anti-semita que teria levado o povo alemão ou pelo menos parte dêle, a aceitar a famosa e inimaginável "solução final".

O livro segue o eficiente plano da coleção *Questions d'histoire*, compreendendo duas partes: a primeira, uma exposição de fatos e, em seguida, um *dossier* que abrange transcrições de documentos sôbre o assunto tratado, além de problemas e querelas de interpretação.

Uma bibliografia bem cuidada, um índice e uma cronologia dão o r.mate final ao trabalho, permitindo ao leitor contar com todos os elementos para julgar e apreciar os dados da questão em análise.

Deixando de lado a exegese de doutrinas anti-semitas, Sorlin historia a evolução do sentimento anti-judeu nos países de língua germânica, destacando as reações populares e o caminhar do ódio no espírito alemão.

A primeira parte do volume, dedicada à exposição dos fatos, além de uma introdução, compreende três capítulos: *Le temps du mépris*, *Nationalisme et anti-sémitisme* e *La nuit nazie*.

A origem das comunidades judias na Alemanha e o início das perseguições aos judeus são analisadas no primeiro capítulo.

Atingindo o vale do Reno já com os exércitos romanos, os judeus aí subsistiram através das invasões bárbaras, conseguindo sobreviver obscuramente na Alta Idade Média e reaparecendo com maior vigor sob os carolíngios.

Entre o IX e o XI séculos, muitas comunidades ali se desenvolveram. O autor procura, à luz de seus dados, desarraigar velhas convicções. Nesse sentido, recentes pesquisas teriam sugerido a falsa idéia esposada por muitos historiadores de que o "monopólio" comercial exercido por judeus nessa época, na região estudada, teria excitado contra elês os negociantes cristãos, já que no século XI o comércio permanecia muito reduzido e aleatório para que se exercesse uma concorrência; ao contrário, os negociantes, cristãos os judeus, teriam interêsse em unir seus esforços.

Remontando as primeiras perseguições a essa época, — como o massacre de 1096 — foram elas possíveis porque, há longo tempo, os judeus já eram suspeitos aos olhos de uma larga fração da opinião.

Tal suspeição, segundo o autor, viria não de uma ativa concorrência comercial e sim de um conflito religioso: as comunidades judias, extremamente atuantes e com apreciável conhecimento das Escrituras, teriam praticado um proselitismo que desagradaria aos dignitários eclesiásticos. Êstes, importunados pela vitalidade do judaísmo, inclinar-se-iam de bom grado à violência.

Outra noção que corre comumente e que é contestada no livro, é a de que os judeus tivessem se dedicado à atividade comercial e financeira por índole e pela proibição de possuírem terras.

A atividade agrícola contudo não lhes seria interdita, havendo notícia de judeus que, no século XIV eram cultivadores ou pescadores no vale do Reno. Estando expostos entretanto a inúmeros perigos no campo, concentravam-se nos núcleos urbanos como meio de limitar os riscos.

Cita-se igualmente judeus tintureiros, pedreiros, sapateiros. Qualquer que fôsse a sua profissão todavia, estavam sujeitos a cada instante à emoção popular, que se traduzia rotineiramente em pilhagens. Por isso, ter dinheiro somente tornava-se um imperativo — caixinhas de moedas são fáceis de transportar em qualquer momento e situação.

Ora, a economia medieval embora reduzida não podia se desenvolver sem disponibilidades financeiras. Condenando a Igreja o empréstimo de interesse como uma forma de roubo, os principais comerciantes recorriam a diversos subterfúgios para contornar as proibições. Os grupos menos favorecidos entretanto, incapazes de utilizar operações complicadas, apelavam para os únicos elementos que estavam fora das prescrições canônicas.

Dessa forma, as exigências da segurança pessoal combinavam-se com as necessidades da economia geral — a sociedade queria que os judeus exercessem o comércio de dinheiro, os judeus achavam vantagem nessa ocupação.

E' assim que o autor explica a longa tradição de prática financeira e usurária dos judeus.

Não se teria revelado entretanto antes do século XIX um anti-semitismo econômico na Alemanha. A sociedade votava imenso desprezo àquêles que fizessem fortuna pelo comércio de dinheiro. Assimilava ao judeu o usurário cristão e condenava tanto um quanto outro.

No segundo capítulo (Nacionalismo e anti-semitismo) o autor analisa a questão judaica numa Alemanha que, descobrindo a sua originalidade, fortalece o seu nacionalismo através da unificação.

Os pensadores alemães do *Aufklärung*, com a sua visão universalista tendem a condenar tôda forma de exclusivismo como a dos judeus que permanecem obstinadamente fiéis a uma língua, encerram-se em suas tradições e protegem ciumentamente o seu passado.

Será, portanto, um imperativo dos “ilustrados” do século XVIII, que se refletirá na ação política, o de procurar germanizar os judeus.

A assimilação, entretanto, para o autor foi um mito e, com as primeiras dificuldades, esvaiu-se.

As ilusões universalistas são súbitamente rejeitadas no século XIX. Os alemães se persuadem de que, para sobreviver, devem criar uma unidade durável. O que é estrangeiro, introduzido sem razão profunda na vida de um povo, deve ser extirpado.

Ora, um judeu que pratica sua religião, será sempre um judeu — não poderá ser um alemão. Aqui aparece uma distinção que não cessará de se afirmar e fortalecer.

Sem enfatizar a vinculação econômica que traz a suspensão, o autor não deixa de notar que, tendo tido os judeus efetivamente uma parte considerável do desenvolvimento industrial, tornam-se o símbolo do capitalismo apátrida e egoísta.

O anti-semitismo instala-se abertamente na Alemanha através de porta-vozes como Stocker, Marr e outros, fortalecido pelas teorias racistas que encontram finalmente o seu lugar e começam lentamente a ganhar a Alemanha desde 1900.

Num terceiro capítulo (A noite nazista), Sorlin mostra objetivamente o caminho do ódio no espírito alemão, — do *pogrom* à “solução final”.

Com admirável espírito de síntese, ao traçar o quadro do judaísmo alemão, desde as suas origens, esclarece episódios, e destaca etapas importantes, chegando ao anti-semitismo que permitiu aos nazistas as diabólicas elocubrações que todos conhecemos.

Dez documentos, transcritos em ordem cronológica, desde um édito de Frederico I em 1157 até um relato sôbre o vandalismo nazista em uma cidade renana em 1938 (*La nuit de cristal*), enriquecem o trabalho, que é completado ainda com textos que levantam problemas e sugerem interpretações, fornecendo um real e efetivo aproveitamento ao leitor.

SUELY ROBLES REIS DE QUEIROZ

* * *

ROULEAU (Bernard). — *Le tracé des rues de Paris: formation, typologie, fonctions*. Paris. 1967. “Centre National de la Recherche Scientifique”. Coleção “Mémoires et Documents”. 130 páginas.

Inúmeros são os pontos de contacto entre a Geografia e a História. Se ao historiador compete analisar e compreender o desenrolar dos acontecimentos humanos, ao geógrafo compete estudar e compreender a paisagem expressa na superfície terrestre. E' sôbre esta paisagem que se desenrolam os fatos pesquisados pelo historiador, mas também as ações humanas repercutem na formação e organização dos espaços, cuja dinâmica evolutiva torna-se objeto de pesquisa do geógrafo. Levando em consideração a interação dos fatos, cabe ao geógrafo possuir bom conhecimento histórico, assim como ao historiador é válido conhecer muito da geografia. E' ocorrência comum acontecer ao historiador fazer obra de interesse geográfico, ou vice-versa, pois muitos assuntos e questões são melhor focalizados ou ganham nova compreensão quando abordados sob variadas perspectivas metodológicas.

A obra que vem de ser publicada na coletânea *Mémoires et Documents*, do *Centre National de la Recherche Scientifique*, interessa a muitos estudiosos. A metodologia empregada é a geográfica, mas muito do *métier* do historiador está presente em suas páginas. Estudando o *traçado das ruas de Paris: formação, tipologia e funções*, o autor faz obra de geografia urbana. Mas a tarefa para ser completa teve que distinguir as marcas paisagísticas e a importância das várias fases históricas; para ser completa teve que analisar e compreender as várias concepções e critérios que nortearam as gerações que se preocuparam em criar, remanejar e adaptar as estruturas urbanas às contingências de cada época. Porque, com certo determinismo, o autor nos lembra que a “história das cidades não escapa à lei dos perpétuos recomeçar no mecanismo de sua expansão, desde que o retorno de conjunturas semelhantes chama, necessariamente, soluções idênticas”.